

NOVELA SUCESSO



N.º 13

MUMIA

POR AUGUSTO

ASSASSINA?

FERREIRA GOMES

NOVELA SUCESSO



Nº 13

MUMIA
POR AUGUSTO

ASSASSINA?
FERREIRA GOMES

NOVELA
SUCESSO

Publicação semanal

CONDIÇÕES
DE
ASSINATURA

PORTUGAL, ILHAS E COLÓNIAS
3 mezes — (12 números) 6 mezes — (24 números)
12\$0 Escudos 24\$00 Escudos

Ano — (48 números) 48\$00 Escudos

Avulso 1 Escudo

BRASIL. — 1\$000 réis. — Assinaturas: 6 mezes
24\$000 réis. — Ano 48\$000 réis.

(acrescido do porte do correio)

PAGAMENTO ADIANTADO

O melhor chocolate
É O DA

LEITARIA

A melhor doçaria regional



Serviço permanente

RUA do OURO — LISBOA

Alfarrabista BOCAGE

COMPRA E VENDE LIVROS

É a única casa que consegue sempre ter obras de auctores mais consagrados.

Julio Verne, Zola, Blasco Ibañez, Camilo, Eça de Queiroz, Julio Diniz, Alexandre Herculano, Victor Hugo, Antero de Figueiredo, etc.

48, Rua Garrett, 48 — Lisboa

De TEATRO

Revista de Teatro e Música

todos os numeros

uma peça
completa

Quinta-feira, 17 de Maio:

N.º 14

A DAMA DE OIROS

PELO DR. SOBRAL DE CAMPOS

JÁ PUBLICADAS:

- N.º 1 — A Madona do Convento *por Manoel Ribeiro.*
- N.º 2 — A Ilha Ignorada *por Dr. Feliciano Santos.*
- N.º 3 — O Crime da Carne Branca *por Norberto de Araujo.*
- N.º 4 — O Caso do Pátio das Bichas *por Henrique Roldão.*
- N.º 5 — A Branca *por Sarmento Duque.*
- N.º 6 — O Êxito facil *por Ferreira de Castro.*
- N.º 7 — A Mariquinhas *por D. José Paulo da Camara.*
- N.º 8 — Delicioso Pecado *por Mario Domingues.*
- N.º 9 — O Fusilado *por capitão Menezes Ferreira.*
- N.º 10 — Zita *por Augusto d'Esaguy.*
- N.º 11 — Divina *por Artur Portela.*
- N.º 12 — O Presidente de Republica *por Reinaldo Ferreira.*

IMPRENSA LIBANIO DA SILVA

Travessa do Fala-Só, 24 — LISBOA Telefone N. 3110

LIVROS DE LUXO e REVISTAS ILUSTRADAS
DENTRO DA NOVA ORIENTAÇÃO DA GRAFIA

Director: FRANCISCO
DIREITINHO • Editor
MARIO FILIPE RIBEIRO
Redacção: Rua do Diário de
Notícias, 145, 2.º • LISBOA

**NOVELA
SUCESSO**
PUBLICAÇÃO SEMANAL

ANO I • NÚMERO XIII •
10 de Maio de 1923 • Com-
posto e impresso na Im-
prensa Libanio da Silva •
Lisboa • T. do Fala 86, 24



UMA OPINIÃO; E UM PERFIL

Na vida dinâmica dos cafés, na tumultuosa discussão de literatos e jornalistas, costumava Augusto Ferreira Gomes marcar o seu lugar, deixando sobre o mármore pluido duma meza ou sobre uma cadeira, um volume de Edgar Poe. Os colegas e os amigos, chegados nos curtos intervalos da sua ausência, já o sabiam perto; fazendo parte daquele grupo, porque o volume de Edgar Poe lá estava também a assinalar a sua presença. Quem o não conhecesse, ao vê-lo tomar assento, ficaria logo convencido de que seria ele o possuidor, o apaixonado admirador do artista dos « contos extraordinários », de tal modo se depreende da sua fisionomia uma sugestiva atracção pelos ambientes trágicos e uma decidida vocação para interpretar as maravilhas do Belo, mesmo quando ele atinja as culminâncias do horrível.

Ferreira Gomes tem, na realidade, todo o aspecto dum homem que acabasse de recolher uma emoção de deslumbramento num espectáculo terrificante, e pressentindo nós, através a sua máscara, que dentro dele baila no entanto uma fina ironia que Ferreira Gomes reproduz num humorismo leve. O seu olhar humido, nostálgico e penetrante, possui ao mesmo tempo uma vivacidade, como se o houvesse exercitado na decifração de impenetráveis mistérios

ou no segredo de certas ruínas, contaminando toda a sua figura que se recorta no perfil dos grandes obsessiõesados de Dickens ou Destoiewsky.

Rajada doentia, o seu primeiro volume, publicado em 1915, resente-se muito deste ambiente. O Cosme, novela que apareceu em 1922, é a tragédia dum vencido, amarfanhado na engrenagem do jornalismo. Antes desta novela havia publicado, em 1921, uma recolha de composições poéticas a que deu o título de ProciSSIONAL, espalhando a sua actividade literária e jornalística por muitos jornais e revistas.

— E agora, Ferreira Gomes... Em que trabalha você?

— Escrevo, escrevo sempre mas interesse-me muito pelas obras de pensamento.

— Só pensamento? ..

— Pensamento e belesa, mas sobretudo, pensamento.

Obra com um fim e com esqueleto... completo.

— E intenções?

— Todas...

— Mas o tema, o tema preferido. Fazemos esta pergunta porque notamos que você alterou a linha antiga das suas concepções...

— De todos os temas, prefiro os assuntos psicológicos, os conflitos de almas.

— Em que ambiente?

— Dentro da vida...

— É muito apertado esse ambiente, não lhe parece.

— Conforme a vida fôr vista...

— Pelo menos, a fantasia alucinante não cabe nele.

— Isso foi, em mim, um detalhe. Apenas detalhe da minha evolução emocional.

— Então Edgar Poe?

— Admiro nele o domínio mental, a maneira de graduar as emoções. Isso me levou a conhecer e a interessar-me pela sua obra. Daí a admitir influências... Hoje o que me interessa é a obra construtiva adentro da minha época...

— Como obra definitiva...

— Evidentemente. Quanto ao presente, e em relação á novela curta, estas ideias modificam-se.

— Que objectivo concede então á novela curta?

== == NOVELA SUCESSO == ==

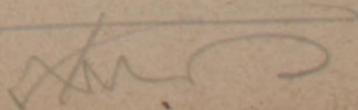
— Acção. A novela moderna deve respeitar a um tempo: interesse e alheamento. Surpreender-nos, mas não deixar vestígios...

— Mas não será isso um processo de queimar energias?

— Não. A novela curta não pode ter outra fôrma.

E a entonação fôrte e convicta da sua clara afirmação ficou pairando, sem a ousadia de mais uma contestação nossa...

Detesti, por presunção de família,
o que toda a gente chama "entona-
ção". Posto isto devo dizer que as
afirmações (?) acima são, simplesmente,
uma manifestação de pressa - tanto
minha em as dar, como de que
a escrevem - em a escrever.



NO. 1000

THE
OFFICE OF THE
SECRETARY OF THE
NAVY
WASHINGTON, D. C.

Para o Fernando Pessoa, em homenagem
ao "Tio Pocco" e em memoria
da pipa - mãe de Diogenes - mas
o Pocco é Bispo.

MUMIA ASSASSINA?

I

...Essa teoria de ser a vontade a mais potente
fôrça que existe, é muito discutível. Sobretudo
quando se refêre a uma intenção...

— Pois eu estou absolutamente de acordo com
a opinião — bem sei que de pouca gente — de que
o próprio pensamento representa uma fôrça com a
intensidade relativa á fôrma como foi gerado. De-
certo, um criador de uma religião teve mais intensos
pensamentos do que qualquer estadista, por mais
celebres que tenham sido as suas leis... Do con-
trario, ninguem me convence...

— Pois sim, mas as proprias religiões acabam
tambem por desaparecer... Acabam por perder
fôrça...

— Não perdem fôrça... A mesma linha de mis-
terio as vai ligando umas ás outras, com uma sere-
nidade inalteravel. Mudam-se os aspectos consoante
os desejos inconscientes dos povos, assim obrigados
por motivos etnicos, mas a ideia mãe, o simbolo in-
sondavel, subsiste sempre na impenetrabilidade da
sua alta abstração. Acha isto pouco como prova de
que o pensamento é uma fôrça, meu caro Lord?...

Esta complicada e metafisica conversa passava-se
a uma das mezas do *Pera-Palace*, em Constanti-

Acesos os charutos, Lord Douglas e o jornalista Hermann Schultze, tinham-se embrenhado no labirinto daquela conversa bizarra, que os obrigava a malabarismos subtis de raciocinio, — jogos floraes de pensamento — a que ambos se dedicavam por ginastica mental. O jornalista Schultze, apesar de pratico e lógico era supersticioso e *sir* Richard Douglas, embora no intimo tivesse — no assunto que tinham abordado — a mesma opinião do seu antagonista, mostrava ser da contraria e defendia a, por esse prazer — tão vulgar nas pessoas inteligentes — de combater pelo raciocinio as coisas mais logicas e quasi sem defeza. A estas colisões chamava lhes os seus «treinos».

Descendente de uma nobre familia escoceza, ha muitos anos que se dedicava a estudos de arqueologia e fôra encarregado, pela Sociedade dos Arqueologos de Dublin, de proceder, no Egypto, a certas escavações, que, segundo os seus longos estudos, o deviam levar á descoberta de um tumulo pertencente a um faraó da primeira dinastia. Acerca destas pesquisas, trabalhos de investigação tinham sido publicados e o seu nome era conhecido e respeitado em todo o mundo culto.

Viera a Constantinopla colher uns elementos — que considerava indispensaveis — e que existiam na cidade ottomana — d zia blagueando — desde o tempo de Constantino. Daqui partiria para Inglaterra para depois chefiar a grande expedição, que, a Memplus, iria tentar descobrir o tumulo do faraó, ha tantos milhares de anos escondido dos homens...

Herman Schultze, o seu companheiro de meza,

nopla, findo o jantar e ainda na amena camaradagem de umas taças esguias, onde «champanhe» bulia a poeira nervosa da sua espuma ruiva.

Houve um silencio. Creados gregos serviram café — um café á moda oriental, perfumado com baunilha — e deitavam em calices scintilantes, com todo o cuidado, um precioso e velhissimo Madeira.

O *Pera-Palace* — da série dos *Palaces* — era o primeiro e o mais bem frequentado hotel do bairro de Pera — canto europeu de Constantinopla, com a sua população bizarra e eterogenea.

Neste hotel ouviam-se de todos os lados, os mais diversos e complicados idiómas. Inglezes, francezes, italianos, borbulhavam de mistura com turcos de categoria e hespanhois aventureiros.

Para os jardins do hotel — donde o vento morno do Bosforo arrastava perfumes calidos de balsemina — os hospedes escoavam-se logo após o jantar procurando alguma frescura naquêla atmosfera calafetada e abafadiça.

Era verão. Noite plácida, embriagada de azul fundo no deliquio tremeluzente das estrelas, noite oriental amolecendo a sensibilidade e entorpecendo voluptuosamente os corpos e as ideias.

Através das janelas do grande salão via-se, ao longe, retocando de negro a paisagem dormente, a ativa cupula e os quatro minaretes de Santa Sofia. Um vago sussuro de luz entornava-se até longe como uma nevoa finissima, prateada. Era todo o resto de Constantinopla — a Sublime Porta doirada do Oriente — desde Stambul á outra margem, Scutari, a ponte de Galata...

era correspondente do *Der Hamburg Industrie Zeitung* e estava encarregado pelo seu jornal de organizar um *dossier* de todo o commercio da Turquia. Era o prolongamento dessa Alemanha activa, estupenda de energia, que, como um tentaculo de polvo tacteava, de novo, o pulso a todos os mercados para a sua possivel e calculada tentativa de resurgimento.

Apesar das suas nacionalidades antagonicas, o Lord e Schultze, davam-se muito bem, e só pequenas discussões turbavam a serenidade, quasi mecanica, dos dois estrangeiros.

Como o jornalista, o arqueologo viajava só. Ambos tinham, no hotel, alem dos seus aposentos, um quarto para bagagens. O do escossez estava cheio de preciosidades, algumas já colhidas na Turquia; pedras, esculpturas, papyros, livros raros. O do alemão estava atafalhado de mostruarios de todas as especies, desde productos quimicos ás mais complicadas e practicas ferramentas. Todos os dias estes dois «museus» eram enriquecidos com mais exemplares, uns vindos pelo correio em pezados «*colis*», outros escrupulosamente colhidos nos recantos complicados dos mercados de Stambul e de Scutari.

Só se encontravam ás refeições, e sempre após o jantar davam o seu passeio, fumando charutos e combatendo opiniões. Nunca discutiam politica internacional, nem uma só vez aludiram á guerra tremenda que vinha de acabar, mas que, ainda fazia palpitar, indecisa, a terra que pizavam.

— Pensa assim ha muito tempo, amigo Schultze?

— Pensei sempre assim. Aliás eu subordino a minha vida, as minhas sensações, tudo, ao meu pensamento. A minha cabeça — permita o termo — domina sempre, em mim, as minhas emoções...

— De forma que isso que eu, em si, julgava intuição...

— É simplesmente — lógica...

— Olhe, Schultze, — e Lord Douglas olhou fixamente o seu interpelado — ha uns vinte anos, em Inverness, uma rapariga hungara, dessas que em caravanas, andam nomadas percorrendo o mundo, pegou na minha mão, e sem saber quem eu era, atirou-me, rapida, esta ameaça: «*Não tente desvendar o segredo da morte. Se o fizer morrerá. Nunca deverá ir ao Egypto*». Disse isto, e fugiu. E que linda que ela era...

— Interessante — comentou friamente Schultze.

— Já vê, que não fiz caso. Toda a minha vida, tenho-a empregado em tentar realisar o meu maior sonho. É esse, como já lh'o disse — tem que bolir com os mortos...

O jornalista alemão mordeu, ligeiramente nervoso, a ponta do charuto; aspirou fundo e depois olhando como que distraido a fita de fumo que se lhe escapava da bôca, batendo muito as silabas, comentou:

— Ahi está um caso em que me deixava dominar pela intuição... Eu, realmente, não iria ao Egypto. Pelos olhos azues, vivissimos, de *sir* Richard

pto. um clarão passou, relampejante. Mas esta expressão, apesar de rapida, foi notada por Schultze.



— Não, não ia. Por medo? Não. Razões meramente de ordem sentimental...

Acentuára muito a palavra «sentimental» e por sua vez, pairava-lhe agora nos olhos um vago sentido de uma ironia imensa...



II

... Um «gong» advirtiu aos guardas da casa de *haschich* que iam entrar clientes. Rápida, a luz, diminuiu; por fim apagou-se... Logo a seguir, em seis lampadas negras principiou ardendo alcool e os seis delgados filetes de fôgo mal conseguiam esclarecer um grande aposento de colunas altas salpicadas de desenhos e legendas incompreensíveis.

Novamente o «gong» riscou no silencio o seu ronco metálico.

Agora, junto das lampadas, estão uns negros enormes, musculados, corpos de ebano luzindo á luz azulada do alcool; seguram nas mãos potentes nas aceradas laminas, tiram-lhes reflexos lividos, scintilações barbaras, de um aspecto estranho.

Lá muito para o fundo, mãos invisíveis, principiaram queimando canfora...

Ouviu-se mais um tenir do «gong» e quatro clientes são introduzidos. Vestem á moda europeia e só um ostenta o simbólico «fez».

A convite de um homem forte, vestido á mahometana, os visitantes sentam-se em fôfos coxins de sêda ruiva. O homem do «fez», servindo de inter-

prete, pergunta se querem fumar ou se desejam sómente assistir aos bailados.

— Só bailados, não acha, Lord Douglas?

— Sim, certamente! — respondeu este — e mesmo assim se fôrem rápidos...

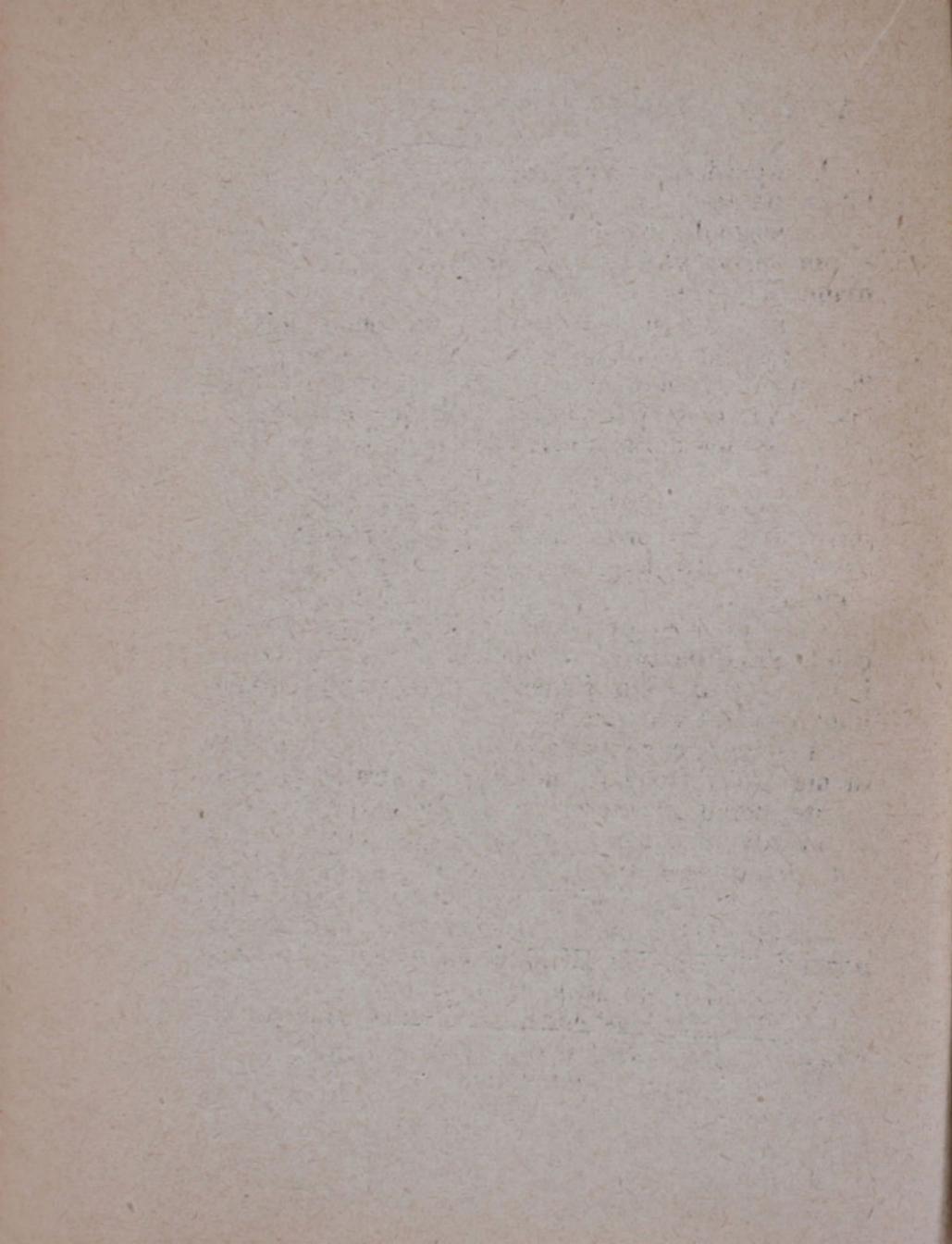
— Ah! os bailados são muito interessantes! — comentou o quarto visitante, um rapazito loiro, de um loiro deslavado, vesgo e que ostentava sôbre o enorme nariz uns grandes e ridiculos oculos com grossos aros de tartaruga.

Nesta altura uma luz violeta derramou-se por toda a casa, e, como que surgindo detraz das columnas, bailarinas ageis riscaram o ar com o ritmo ondulante dos seus corpos nus. Vinham de lábios rubros, testas coroadas de sequins telintantes; com as pontas dos dedos esguios seguravam veus transparentes de Mossoul e dos seus corpos delgados espalhava-se, perturbante, a ideia do nardo e dos jasmíns...

Uma então, a mais nubil, era como uma serpente no volteio acrobático do seu corpo contorcido na dança sensual! Dois grandes rubis, seguros por fios doirados, defendiam os bicos dos seus seios pequeninos, nervosos na sua puberdade. As companheiras — fazendo á luz das lampadas faiscar os olhos, como se elles fôsem lapidados — tinham-se acocorado em volta do salão e tiravam dos alaúdes ritmos dormentes de volupia e sonho!

Com um pulo fantastico, a estranha bailadeira terminara o seu bailado. Cahira de bruços, a cabeça felina atirada para a nuca, mãos nos seios, bôca esbrazada e com os olhos — uns olhos profundos como lagôas — fitos em Lord Douglas.





Este perdera a compostura grave; sorria mesmo, ligeiramente perturbado...

O vesgo dos olhos, não conseguia estar quieto, e por várias vezes, tinha dito ao ouvido de Hermann Schultze:

— Eu faço uma asneira... Eu roubo uma...

O jornalista sorria e limitava-se a recomendar-lhe juízo. O homem do «fêz», esse, não pronunciava uma única palavra. O Lord perguntou-lhe:

— De que nacionalidade são as bailarinas? Turcas?...

— Turcas, não! — respondeu secamente o interpelado — É proibido — e depois num gesto vago — são de diversos paizes... de todos... até inglesas...

O arqueólogo pecebeu o remoque mas não articulou uma palavra. O alemão sorria. Voltara a inundar-lhe o rosto a mesma expressão de ironia, impenetrável, misteriosa...

A bailarina continuava, estatica, fitando fixamente Lord Douglas, novamente atraído. Lentamente, como uma serpente — uma serpente divina — num deliquio de membros, soergueu-se um pouco; mais lentamente ainda, arripiando num gesto morno, para a nuca, a tumultuosa cabeleira, levantou, numa aleluia, a mão constelada de pedrarias, e, pegando na de Sir Richard, ciciou-lhe ao ouvido, num murmurio de agua, estas palavras:

— Não tente desvendar o segredo da morte. Se o fizer, morrerá. Nunca deverá ir ao Egipto...

Romperam os alaúdes, mais vibratis nos sons crispados das suas cordas tensas, e novas bailari-

nas, fulvas de scintilações, dobaram na sala o requebro dos seus corpos brancos, numa sarabanda felina de carne em espasmos, de olhos em febre e seios oscilantes.....

..... Sucedera uma treva impenetravel. Suavemente, sentiram-se agarrados e em silencio foram conduzidos... Era inutil qualquer resistencia... Mãos delicadas vendaram lhes os olhos.....

... Quando se sentiram por bastante tempo sós, a medo, arrancaram as vendas. A principio pestanejaram, mas logo que a vista se acostumou ao meio, estupefactos, reconheceram que estavam nos jardins do «Pera-Palace»...

Após um curto silencio a voz de Hermann Schultz fez-se ouvir ironica :

— Muito obrigado, Mr. Thompson, pela digressão desta noite. A sua casa de *haschic* é muito curiosa, mas não apetece lá voltar.

E logo a seguir, Lord Douglas, irritado :

— Que brincadeira foi esta, Mr. Thompson ?

Aquele a quem chamavam Mr. Thompson, não sabia responder. Tremia como um canavial ao vento e só com grande custo pronuciou algumas sílabas :

— Perdão... Não sei...

Mr. Thompson, adido á legação ingleza em Constantinopla, querendo ser amavel com Lord Richard Douglas, convidara-o para visitar uma casa de fumadores de opio onde já tinha ido varias vezes. *Sir* Richard achara interessante a idea,

e, por sua vez convidara o jornalista Schultze. Fôra depois da discussão metafisica que ambos tinham corrido ao encontro do adido de legação, Mr. Thompson, que estava acompanhado por um homem moreno, irreprehensivel na sua sobrecasaca e que, pelo « fez » se reconhecia ser de nacionalidade ottomana.

Mr. Thompson apresentou-o como seu amigo. Conhecia muito bem a casa de *haschich* — alegara — e assim, mais facilmente, veriam todas as dependencias.

O turco tinha um olhar vago, por vezes faiscante, facto que impressionou *Sir Richard* mas, assim apresentado por um adido de embaixada não havia razão para duvidar.

— Não sabe? — insistiu Lord Douglas — acho que isso é grave!

Hermann Schultze ria agora perdidamente, vendo que *Sir Richard* perdera a sua compostura glacial e gozando a atrapalhação do pobre Mr. Tompson que, para completa infelicidade, era miope e perdera os olhos...

— Não sei. E' fantástico!... O nosso companheiro... O turco... deve saber...

— O turco? — exclamou Schultze — Veja lá se o vê?...

— Não vejo nada, — gemeu Mr. Tompson — perdi os olhos...

Desta vez *Sir Richard* não poudo conter uma franca gargalhada.

— Veja lá se o vê? — continuou o alemão — Nem sombra...

Realmente, o turco, não estava entre eles...

Comovidissimo, Mr. Thompson, confessou o seu crime:

Estava bebendo *whisky* fazendo horas para o encontro com Lord Douglas, quando foi abeirado pelo turco que lhe perguntou se queria ir visitar uma casa de fumadores de *haschich* onde iam lindas mulheres turcas que bailavam bailados voluptuosos de maravilha.

Achara a ideia excelente — e só com o fim de ser agradável ao seu convidado — fizera a levandade de aceitar o convite do desconhecido e dera-o como seu amigo, para que nenhuma desconfiança escurresse a grande pandega que tinha sonhado — confessava-o — não com *haschich*, mas com bailarinas turcas e champagne... Pedia muita desculpa e garantia que não tornava...

Sir Richard e Schultze riram a bom rir — afinal o susto passara — da atrapalhação do pobre diplomata.

Depois de um *shake-hand* recolheram ao hotel em quanto que Mr. Thompson esperava que amanhcesse pois tinha a certeza que os oculos tinham caído quando tuara a venda de mods que havia de os achar, pois sem duvida estavam metidos no «gazon» e só com a luz do sol poderia tentar a sua descoberta.

O ceu agora estava escuro. Levantara-se um pouco de vento e grandes nuvens ainda mais negras iam barrando tudo numa avalanche tumultuosa, dividindo a terra do ceu picado de oiro, como se as nuvens fossem um manto impenetravel de misterio...

III

O sol crepitava, do alto do minarete do mesquita do sultão Ahmed, o *muezzin* fazia ouvir, na sua voz mecânica, o convite á oração do meio dia: «*La illah ill Allah Mahomeed sesoul Allah!*» E o silencio derramara-se por todo o bairro de Stambul.

Os cafés, ao ar livre, estavam desertos. Voluptosos gatos de Angora espreguiçavam-se ao sol calcinante.

Na terrasse de um café grego, bebendo «whisky», Lord Douglas conversava com o jornalista Schultze e com Mr. Thompson que se fazia acompanhar por um alegre bulgaro, negociante de peles, de nome Savof.

Este lembrava para a hora da tarde um passeio ao Corno de Ouro ou ás Aguas Doces.

Hermann Schultze, que alegára trabalhos urgentes para o seu jornal, ia retirar-se e o vesgo Thompson — já com olhos — declarou a sua preferencia por uma digressão até junto do harem imperial, porque, — alegava convencido — ás vezes pessoas espertas conseguiam ver as concubinas do sultão...

Ninguém fez caso das palavras do pobre Thompson — que por fim tomou o partido do silencio —

e ficou resolvido que a digressão seria para a outra margem do Bosforo, a um mercado de bugigangas que nesse dia se realisava em Scutari.

A' hora do costume Lord Douglas estava á meza do hotel para jantar. Notava-se-lhe uma anormal palidez o que obrigou Schultze a perguntar-lhe:

— Sucedeu-lhe algum dissabor?

— Dissabor, propriamente, não. Mas tive outro aviso, identico ao que ha dias recebi na casa de *haschich*...

— Mas isso é uma perseguição...

— Perfeitamente em regra! — concordou Sir Richard — mas como amanhã deixo Constantinopla — resolvi-o esta tarde — esses «avisos» não me incemodam....

— Parte amanhã?...

— Sim; resolvi já tudo quanto precisava, de forma que amanhã, meu caro Schultze, terei o prazer de lhe oferecer os meus prestimos...

— Muito obrigado. Mas, diga-me como recebeu o tal «aviso»?

— Ah! o «aviso»! Oiça que tem um certo interesse...

Principiara a cair a tarde. Como um rumor longinquo os convites á oração da noite cruzavam o ar, desde o alto dos minaretes. Era um *besourar* «.. *Allah Mahomeed sesoul Allah!*...»

— Foi — continuou o Lord — durante o passeio de hoje á outra margem. O Thompson é muito bom rapaz, muito util para fazer pesquisas nas biblio-



53

5B

tecas, mas completamente desastrado nas coisas da vida. Ia comnosco aquele bulgaro Savof — amigo de Thompson, é claro! — pessoa que me parece suspeita naquele disfarce de negociante de peles. No mercado nada encontrei de interessante apesar de Thompson achar tudo curiosissimo. Já de volta, junto á ponte, um mendigo pediu-nos esmola. Era um velho famélico e remeloso, com uma perna entrapada. Procurava uma moeda para lhe dar, quando Mr. Thompson me chamou a atenção para uma curiosa rapariga velada que se encostava a uma pilastra da ponte, muito perto do mendigo.

Tinha, realmente, um corpo interessantissimo de um moreno aveludado. Vestia pobremente.

O bulgaro Savof, metediço, mecheu-lhe nos braços e numa irreverencia que me revoltou — acariçou-lhe os pequeninos seios que pareciam querer romper a seda velha do corpete. A rapariga não esboçou um gesto de defeza, só o mendigo mascou umas palavras incompreensiveis...

Nesta altura Mr. Thompson — forte ante a provada fraqueza da pequena — arrancou-lhe de um gesto brusco a venda do rosto...

Você não calcula, Schultze, o efeito que isto produziu. A rapariga soltou um rugido de féra e rapidamente ocultou o rosto nas mãos, mas não o fez tão depressa que eu não tivesse tempo de a reconhecer. Era a mesma — a bailadeira da casa de *hoschich*, a mesma que me repétira o aviso de ha vinte anos...

Fiquei — como deve calcular — pasmado, quando notei que Savof luctava com o mendigo procurando

defender-se de um agudo punhal que este manejava com pericia...

Dei um pulo. Facilmente dominei o mendigo que espumava raiva, com os olhos fantasticamente sangrentos, dilatados, parecia querer aniquilar-nos. Fez, gutural, ouvir a sua voz fanhosa e, em inglez, lançou-nos esta maldição:

«Morrereis todos, todos! Malditos! Primeiro tu — e apontava o pobre Tompson — depois tu — agora indicava o bulgaro — e tu, tambem tu, quando realisares o teu maior sonho. Malditos! Malditos!... Depois, blasfemando, fugiu com a rapariguita...»

O último indicado, era eu. Aqui tem o aviso. Não acha estranho? A rapariga, a alusão ao meu sonho, á minha única ambição...

— Só lhe digó, Lord Douglas, é que acho muito bem que deixe Constantinopla...

Acabaram o jantar em silencio. Cada um pensava profundamente no estranho e misterioso «aviso».

.....
 No dia seguinte, melancólico, ruminando ideias de superstição e pensando — talvez no problema inflexível do destino, Lord Douglas, abandonou Constantinopla...

CONCLUSÃO

O acaso — esse misterioso arrumador das coisas — fez-me conhecer, há dias, o jornalista Schulze. Foi durante o trajecto Porto-Lisboa, no *Express*, que êle me fez o circunstanciado relato dos factos apontados. Schultze vinha a Portugal — dizia — continuar a missão do seu jornal: reorganisar os *dossiers* àcêrca do nosso mercado...

E' um homem alto, simpático, duma intelligência rápida, traduzida na expressão de uns olhos claros.

O comboio deixara para traz Albergaria. Escorregava pelos cristaes das janelas uma paisagem verde de pinhais e bruma. Schultze, oferecendo-me um cigarro, continuou a narrativa interrompida, havia pouco, pelo revisor.

— Dois dias depois da partida de Lord Douglas, o pobre Mr. Thompson foi encontrado morto á punhalada junto á porta da legação... Nunca se conseguiu saber quem o assassinára. Creio que o governo inglez reclamou; julgo mesmo que explicações foram dadas pela diplomacia da Sublime Porta, mas o facto é que um mistério envolveu, para sempre, este misterioso crime...

— O primeiro apontado na ameaça do mendigo — observei eu.

— Absolutamente! — e acendendo outro cigarro, Hermann Schultze continuou:

— Uma semana depois li num jornal de Italia, que em Malta fôra misteriosamente assassinado um negociante de peles de origem bulgara. Pelos documentos encontrados no cadaver — que mantinha no rosto uma enorme expressão de pavor — soube-se que se chamava Gebrüder Savof...

— O segundo... — notei eu.

Pelos labios delgados do jornalista alemão passou, rápido, um sorriso enigmatico. Teve um gesto vago, incompleto e pela segunda vez, concordou:

— Absolutamente!...

Depois, em voz baixa, e após uma ligeira paragem, fez-me ouvir o seguinte:

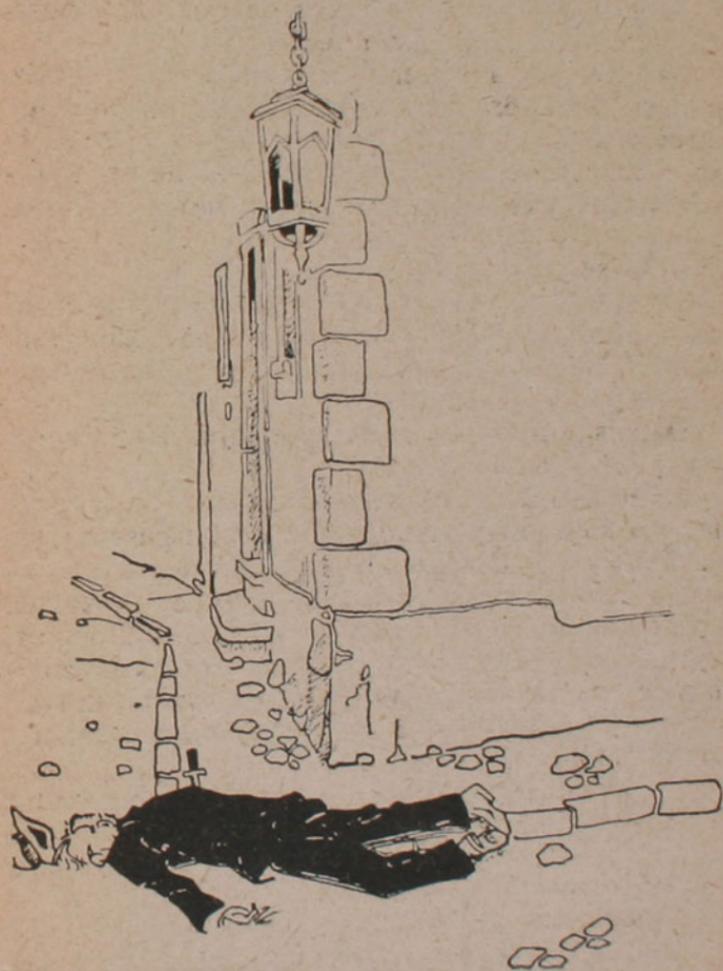
— Terminara os meus trabalhos em Constantino-
pla, e o meu jornal mandava-me seguir para a Gre-
cia. Dias antes da minha partida, gozando a ocio-
sidade de umas horas, o acaso, levou-me a Scutari.
Na ponte, no sitio descripto por Lord Douglas,
exactamente como êle me contára, encontrei o men-
digo das pernas chagadas e perto a rapariguita ve-
lada que fôra a causa da lucta com os companhei-
ros de Lord...

— Seriam os mesmos? — perguntei intrigado.

Schultze teve outro gesto lasso, indefenido e pela terceira vez, sumidamente, fez ouvir o seu inalteravel «absolutamente»...

E noutro tom, convicto:

— A rapariga devia ser simplesmente parecida



com a bailarina da casa de *haschich*. O Lord enganou-se... Andava nervoso, scismatico, desde a noite da profecia... Equivocou-se com a semelhança da pequena. A maldição do mendigo está certa! Recorde-se que Thompson lhe arrancou o veu, e isto, para uma mahometana, é o mais grave insulto!

— Sim, o raciocínio está lucido — comentei — mas a maldição do mendigo, em parte, cumpriu-se.

— Em parte não, totalmente! Lord Richard Douglas, também já não existe!...

Um calafrio riscou-me a espinha, porque vi — não foi ilusão — vi nitidamente, nos olhos claros de Hermann Schultze um clarão vivíssimo scintillar um instante...

— Estava em Paris, há três semanas — seguiu o jornalista — quando os *placards* dos grandes jornaes anunciaram, em primeira mão, que Lord Douglas, após uns meses de investigações descobrira o túmulo do Pharaó Mésops.

No dia seguinte, em largas colunas de reportagem febril, sensacionalmente, vieram os detalhes. Entre estes, um houve que me impressionou fortemente. Foi o da ameaça, que — numa legenda gravada há mais de tres mil anos — existia no túmulo: — *« Não tentes desvendar o segredo da minha morte. O meu Deus está comigo. O meu Deus castigará o teu sacrilégio »*.

Apesar de quarenta séculos de silencio e treva terem guardado esta ameaça — como são misteriosas as coincidências — estava certissima com os avisos recebidos por Lord Douglas, um há vinte e

tantos anos, outro na casa de *haschich* e o último, da bôca do mendigo, em Scutari...

Rolaram duas semanas. Passei a Madrid, e, ante-ontem o «El Sol», em telegrama especial do Cairo, relatou a morte de Lord Douglas...

— E' espantoso! — observei.

— Quasi inacreditavel, não é verdade? E eu pergunto que misterio será este? Que ligação poderá haver entre a hungara, e a bailarina e o mendigo?... Como, afinal, a ameaça destes está d'acordo com a legenda tumular do pharaó, e no entanto, esta ultima, ha mais de trez mil anos que não era visto pelos homens!

— É realmente estupendo, tudo isso...

Por tudo o meu espirito logico vacila — continuou Hermann Schultze — e vacila porque não consegue pousar, fixar-se. Cumpriu-se o oraculo da hungara? Realisou-se a prophesia da bailadeira? Tombou sobre o Lord a praga do mendigo?... Ou foi o Deus do Pharaó — seu guarda espirital e eterno — que castigou o sacrilegio de Lord Richard, por este ir quebrar a tranquilidade secular daquele tumulo de misterio?... Ou serão, tudo isto, coincidencias — espantosas na verdade! — mas simplesmente coincidencias?...

Eu estava oprimido como se duas mãos de ferro me apertassem a cabeça. Não via nada para alem das janelas da carruagem. Já tinhamos saído de Santarem e a locomotiva do *Express*, arquejante, roncava com a velocidade, enquanto as ferragens dos wagons gemiam no espasmo metalico dos seus musculos de aço...

Durante uns minutos não ousámos dizer palavra. Por fim, lentamente, o alemão repetiu a pergunta:

— Que misterio espantoso será este?...

A custo, quasi sem saber o que dizia, banalmente, respondi:

— O misterio da Morte...

— Sim, tem razão, o misterio, o insondavel misterio da Morte...

Disse isto e quedou-se olhando para os campos — vertigem verdejante de pastagens fartas — e nos seus labios finos como laminas florentinas, mais uma vez eu vi, bailante, indefinido, misterioso, aquele sorriso glacial — com qualquer coisa de satânico e monstruoso — ironico, perverso...

AUGUSTO FERREIRA GOMES.

OBRAS DO AUTOR:

Rajáda Doentia — 1915 — exg.
Procissional — Poêmas — 1921 — »
O Cosme 1922

FOTOGRAVURA NACIONAL L^{DA}



TELEFONE
N^º 3538

LISBÔA

273 R. da Rosa, 275

Leia a:

“Nação Portuguesa”

Director: Antonio Sardinha

SALÃO MODELO

BARBEARIA
PEREIRA & BRIO
MANUCURE

LISBOA
RUA DOS FANQUEIROS, 94

Agencia Universal de Anuncios

FUNDADA EM 1874

Por D. THOMAZ DE MELLO
C. do Garcia, 4 - LISBOA

Afixação de cartazes nos melhores locais de Lisboa e arredores
Anuncios em todos os generos.

O MAIOR STOCK

DE

Tubos de ferro e galvanizado

Tubos d'aço para caldeira

Acessorios para todas as
aplicações

A. Neff, Ltd.

102, RUA 24 DE JULHO, 102

Telefone: Central 211

Preços ex'cepcionaes

JOALHARIA
OURIVESARIA
E RELOJOARIA

JULIO REI, L.^{DA}

Ex-empregado da Joalheria A DE ABREU

GRANDE SORTIMENTO
EM TODOS OS ARTIGOS
POR PREÇOS EXCEPCIONAIS

30, Praça Restauradores, 31

Palacio Foz LISBOA Tel.: N. 4056

RECITAIS DE LIEDER

pelos notaveis artistas

D. ALICE REY COLAÇO

D. MARIA REY COLAÇO

.....

NO PORTO

Teatro Gil Vicente

Sabado, 20 de Maio,

às 9 ¹/₂ horas da noite

.....

EM COIMBRA

Teatro Avenida

2.^a feira, 14 de Maio

às 9 ¹/₂ horas da noite

Estes concertos são organizados pela revista

CONTEMPORANEA